

Campbell, L. and Muntzel, M. 1989. As consequências estruturais da morte de línguas¹

Traduzido por Letícia de Souza Aquino²

DOI 10.26512/rbla.v11i02.28820

Recebido em dezembro/2019 e aceito em dezembro/2019.

1. Introdução

Neste capítulo nos preocupamos com as mudanças estruturais nas línguas obsoletas atribuídas ao processo de morte de línguas. Tomando por base nossas experiências com um determinado número de línguas obsoletas, propomos hipóteses sobre os desenvolvimentos estruturais característicos nessas línguas. Essas hipóteses podem ser confirmadas, ou contraditas e refinadas, na medida em que o conhecimento adicional de línguas agonizantes se acumula nas fontes que crescem rapidamente.

As línguas de nossas experiências, nas quais baseamos nossas observações, estão listadas a seguir, apresentadas com informações sobre suas respectivas localizações geográficas, afiliações genéticas e número de falantes. A habilidade linguística dos falantes ou o conhecimento estrutural das línguas obsoletas desta lista varia muito, e muitas comunidades exibem um *continuum* de proficiência que varia de falantes plenamente competentes a indivíduos com muito pouco conhecimento. Apenas à guisa de ilustração, para dar uma ideia dos tipos de falantes em cada uma das situações com as quais nós trabalhamos, caracterizamos aproximativamente os falantes em plenos com S para “strong” (forte) ou (quase) totalmente competente; I para “imperfeito”, ou seja, para “semifalantes” e SF para “semifalantes fracos” com competências de fala mais restritas (talvez semelhante às de Elmendorf [1981] “últimos falantes”), e L para os chamados “lembradores”, aqueles que se lembram apenas de poucas palavras ou frases isoladas (os “acrescentadores de palavras” podem pertencer a esse grupo: consultar Voegelin e Voegelin 1977b). Comunidades de língua

1 Campbell, L. and Muntzel, M. 1989. The structural consequences of language death. In: Investigating Obsolescence: Studies in Language Contraction and Death, N. Dorian (ed.), 181-196. Cambridge: Cambridge University Press. A tradução do artigo foi autorizada por Lyle Campbell.

2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. leticiaaquinos@yahoo.com.br

com o continuum de proficiência completo, variando de *S* a *SF* e/ou *L* são apresentadas como CP (Continuum de Proficiência).

Finlandês americano CP (Campbell 1980);

Cacaopera: El Salvador, Matagalpan do ramo Misumalpan; 2 razoavelmente *L*; extinta (Campbell, 1975 a e b);

Chiapanec: Chiapas, México, Chiapanec-Mangue ramo do Otoman-guean; 3*L* (um tinha a lembrança de um texto religioso inteiro para recitação em ocasiões rituais: embora não entendesse os constituintes do texto). (Campbell no prelo);

Dialetos Chiapas de Mam: ramo Mamean, Maia; dados de vários lugares de Chiapas representando os dois principais dialetos; Tuxtla Chico 1*W*; *PC* em outras aldeias; sem falantes jovens. (Campbell no prelo);

Chicomuceltec: Chiapas, México, ramo Huastecan, Maia; poucos *R*; extinta. (Campbell e Canger 1978; Campbell no prelo);

Dialetos Jicaques de Yoro: Honduras, Jicaque; poucos *S/I* (todos idosos), poucos *W*. (Campbell e Oltrogge 1980);

Lencan hondurenho: Honduras, Lencan; 1*W*; atualmente extinto. (Campbell, Chapman e Dakin 1978);

Lenca salvadoreño: El Salvador, Lencan; 1*S*; não, *I*, *W*, poucos *L*; atualmente extinta. (Campbell 1976a);

Ocuilteco: México Central, Oto-Pamean ramo do Otomanguean; aproximadamente 400 falantes em quatro cidades pequenas; aproximadamente 175 em Gustavo Baz; CP (todos com mais de 45 anos) (Muntzel 1982a e b, 1985, no prelo);

Pipil: El Salvador, Nahua ramo do Uto-astecas; apenas alguns *S* (nenhum com menos de 60 anos), em várias cidades, muito poucos *I*, muito raro *R*; Comapa, Guatemala: 1*R*. (Campbell 1985);

Tzeltal do Sudeste: Chiapas, México, ramo de Tzeltalan, Maia; apenas falantes anciões *S* (nenhum com menos de 55 anos) em várias cidades pequenas, algumas aldeias com CP. (Campbell no prelo);

Chiquimulilla Xinca: sudeste da Guatemala, Xincan; 1*S*, 3*I*, 2*W*; agora extinto. (Notas de campo: Campbell);

Guazacapan Xinca: sudeste da Guatemala: Xincan; CP fraco, *PC*, 1*S*, 6.*I*. (Notas de campo: Campbell);

Jumaytepeque Xinca: sudeste da Guatemala, Xincan; 5 razoavelmente fluentes (Imperfeito) *I*, 1*W*. (Campbell 1976a);

Yupiltepeque Xinca: sudeste da Guatemala, Xincan; extinto, 2*L* (Campbell

1976a).

2. Tipos de situações de morte de línguas

Iniciamos considerando os diferentes tipos de morte de línguas e suas características linguísticas.

“Morte repentina”. O caso em que a língua desaparece abruptamente porque quase a totalidade dos falantes morrem repentinamente ou são assassinados (por exemplo, o caso da Tasmânia), não deixando, por definição, nenhum estado obsoleto para ser investigado estruturalmente, portanto, fora de nosso exame.

“Morte radical”. “Morte radical de uma língua” é como “morte repentina”, em que a perda da língua é rápida e normalmente devida a severa repressão política, frequentemente com genocídio, na medida em que os falantes param de falar a língua como autodefesa, uma estratégia de sobrevivência. Esse tipo de morte é ilustrado em nossa amostra pelas línguas de El Salvador. Em 1932, após uma revolta camponesa em que os insurgentes eram considerados “índios de inspiração comunista”, daqueles identificados como indígenas por vestimentas ou características físicas foram reunidos 25 mil mortos por soldados salvadorenos, em um evento chamado *matanza* (matança). Mesmo três anos depois, programas de rádio e jornais ainda pediam o total extermínio dos povos indígenas de El Salvador para prevenir a repetição da insurgência (ver Adams, 1957; Anderson 1971; Marroquín 1975). Muitos simplesmente pararam de falar suas línguas nativas para evitarem ser identificados como índios. O resultado foi que Lenca e Cacaopera foram abandonadas e se tornaram extintas; Pipil foi severamente reduzida com quase nenhum novo falante após 1932.

A situação no início dos anos de 1970, quando o trabalho de salvamento linguístico estava sendo feito, ilustrou o processo.

Cacaopera foi, com efeito, extinta, embora alguns poucos chamados lembradores pudessem ser encontrados. Dois desses lembradores produziram um corpus considerável como lembradores, um lembrando formas de seu avô, o outro de sua avó que o criou. Lembradores nessa situação não parecem diferenciar-se muito daqueles no estágio terminal de morte gradual, salvo que a extensão de seus conhecimentos, no caso Cacaopera, tenha sido consideravelmente maior (aproximadamente cem palavras entre os dois melhores lembradores, em oposição ao punhado de falantes, talvez mais típico de outros casos). Os chamados lembradores nunca foram falantes competentes, mas são caracterizados por terem aprendido e lembrado de palavras isoladas e frases fixas da língua, que, considerando os muitos casos, poderia de outro modo estar extinta. Suas entregas dessas formas lembradas raramente ou quase nunca contêm material fonético inconsistente com sua língua nativa/dominante, o Espanhol nesses casos.

A língua Lenca Salvadorenha também possui poucos lembradores, embora nenhum com mais de meia dúzia de itens a oferecer. No entanto, havia ainda um falante sobrevivente, por sua vez plenamente competente. Acreditamos que sua língua pode tipificar uma situação radical de morte de língua, razão pela qual a usamos para hipotetizarmos características gerais sobre esse tipo de morte. Para um falante assim, uma vez fluente, mas não tendo feito uso ativo de sua língua durante muitos anos, a recordação está fadada a ser limitada (veja “ex-falantes” de Elmendorf (1981) e “anteriormente fluente” de Dorian (1982b).

Tipicamente a fonologia encontra-se intacta, com poucos se nenhum desvio do antigo modelo nativo, mas muito do léxico é esquecido ou apenas recordado após ponderação forçada; vocabulários mais frequentes e sobressalentes são retidos melhor que outros. A gramática também pode ser em grande parte a mesma do modelo nativo em seu estado completamente possível, embora a produção real seja caracterizada por construções e frases bastante simples, com acesso reduzido a variações estilísticas ou pragmáticas e a sentenças complexas; tais falantes são incapazes (ao menos inicialmente) de produzir um discurso normal. Situações que dão origem a esse falante podem ou não produzir os chamados semifalantes; no caso do Lenca Salvadorenho, o qual temos tratado como potencialmente típico da morte radical, não existe nenhum (veja também Elmendorf 1981). Todavia, no caso do East Sutherland Gaelic há um bom número. Talvez paralelo à nossa situação de morte radical de língua seja o “exílio” de Dorian (1982b:51-53), a qual, no entanto, cometeu alguns erros, apesar de sua fonologia e morfologia estarem intactas. Mais exemplos de “exílio” e “morte radical de língua” são necessários para explorar outras características que possam ter essas situações em comum. Essa investigação adicional parece ser tudo de mais importante nesse caso. Não apenas o exílio de Dorian é diferente. Andersen faz uma suposição bastante contrária à nossa; ele espera erosão em geral, ao que tudo indica incluindo casos de morte radical, em lugar da preservação da gramática, que é o que esperamos nesses casos:

Quando o *input* e a interação linguística tornam-se inadequados para manter distinções naquela língua, haverá uma hierarquia de distinções marcadas linguisticamente, variando desde erosões precoces dessas distinções à manutenção completa (Andersen 1982:92).

Portanto, é necessário mais estudo para determinar o que é típico dos casos de morte radical de língua, se é que há algo típico.

Pipil em El Salvador era falado por um número muito maior e menos aculturado na época da matanza; porém, tem-se aproximado de morte radical em muitos aspectos. Essa língua possui um continuum de proficiência baseado na idade, em algumas comunidades, mas com muito poucos representantes fora da classe de anciões, falantes mais plenamente competentes (poucos em número e

espalhados por várias pequenas cidades), com muito poucos semifalantes fracos (SF). Existem lembradores ocasionais em aldeias onde a língua já está extinta, um em Panchimalco, perto de San Salvador, e um em Comapa, no sudeste da Guatemala.

Com efeito, a morte radical pode não ter o continuum de proficiência em gradação de idade mais típico de situações de morte gradual da línguas. Como na maioria das vezes a estrutura da língua obsolescente pode estar intacta, mas a capacidade de produção nesta é atrofiada pelo outrora falante competente, situações de morte radical também podem ser menos relevantes para o nosso interesse nas consequências estruturais para as línguas obsolescentes.

“Morte gradual”. A maioria dos casos na literatura sobre línguas obsolescentes lidam com a morte gradual, como a perda de uma língua devido à mudança gradual para a língua dominante em situações de línguas em contato. Tais situações têm um estágio intermediário de bilinguismo no qual a língua dominante vem para ser empregada por um número cada vez maior de falantes, em um número crescente de contextos onde a língua subordinada era anteriormente usada. Essa situação é caracterizada por um continuum de proficiência determinado principalmente pela idade (mas também pela atitude e outros fatores). Gerações mais jovens, quando elas existem, têm maior proficiência na língua dominante e aprendem a língua obsolescente imperfeitamente. Alguns termos empregados nas discussões sobre tais situações de morte de língua são: aprendizado imperfeito, aprendizado parcial, código restrito, semifalante, último falante, falante saudável, falante pré-terminal, falante terminal, melhores/piiores falantes terminais, ‘melhores’ falantes/ falantes fluentes de frases simples/ acrescentadores de palavras/entendedores, bilíngues passivos, língua híbrida, bilinguismo intermediário, interlíngua, crioulização reversa, desaquecimento, decaimento de língua, obsolescência linguística, língua danificada ou corroída, atrofia linguística, língua pressionada, etc. Não acidentalmente, esses diferentes termos sugerem diferentes crenças sobre orientações teóricas em direção ao processo de morte de língua. Não tentamos avaliar essas abordagens gerais, mas ao invés disso nos limitar ao que acreditamos que podem ser características gerais da morte de uma língua, conforme pode ser visto em nosso material.

“*Morte de baixo para cima*”. Outro tipo de morte de língua no qual o repertório de registros estilísticos sofre pressões de baixo para cima tem sido apelidado de “padrão latino”; neste, “a língua é perdida primeiro em contextos de intimidade familiar e permanece apenas em contextos ritualísticos” (Hill 1980). Não temos exemplos com padrão-perfeito desse tipo; apenas dois exemplos se aproximam dele. Nosso principal informante de Chiapanec recordou-se de um texto religioso Chiapanec memorizado, chamado *alabanza* (hino de louvor). Esse texto tinha sido usado publicamente em ocasiões rituais até recentemente, mas

não foi mais apresentado porque exigia o intercâmbio de dois participantes, e o outro companheiro, que também tinha memorizado o refrão, tinha morrido recentemente. Nosso informante não sabia do significado do texto, apenas de um modo bastante geral, e era incapaz de segmentá-lo em constituintes e, de fato, não falou outro Chiapanec, salvo um punhado de palavras isoladas “lembradas” (Campbell no prelo). Tzeltal do Sudeste, quase extinta, com apenas poucos falantes anciões em aldeias espalhadas, talvez ofereça um caso melhor. Gravamos quatro rezas, uma em particular, o *rezo* Tzeltal, que é bastante importante localmente, desde que falantes de Tojolabal (uma língua Maya saudável vizinha) exigiram essa reza do Tzeltal do sudeste em suas próprias cerimônias e peregrinações. Essa longa reza (45 minutos) emprega uma estrutura típica de ritual Maya (dícticos emparelhados, muita metáfora, etc). Somente quatro homens, cada um razoavelmente bom semifalante, puderam recitar as rezas, mas eram incapazes de traduzi-las em algo além de amplas paráfrases; falantes isolados geograficamente, mas totalmente capazes em dialetos Tzeltal também tiveram grande dificuldade na tentativa de traduzir essas orações, em parte devido às diferenças dialetais, mas principalmente porque a forma da linguagem ritual não era mais usada por eles. A situação do Tzeltal do sudeste não é completamente paralela ao “padrão latino” de Hill, pois também oferece um continuum de proficiência limitado, mais típico de outros casos de morte gradual de língua (Campbell no prelo).

Nossa preocupação aqui é com os tipos de mudanças na estrutura das línguas, que estão nesse processo de serem perdidas. Enquanto algumas manifestações de mudança pareçam naturais e prováveis de serem disseminadas, outras podem ser menos. Aproveitamos nossa experiência com essa variedade de língua obsolescente para ilustrar algumas mudanças de cada tipo.

3. Processos de mudança em línguas obsolescentes

A previsão mais óbvia que alguém pode fazer sobre línguas obsolescentes é aquela em que a estrutura está a sofrer, muito provavelmente, uma certa quantidade de mudanças, e em todos os seus componentes: fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. No entanto, é muito mais difícil prever a natureza precisa das mudanças que podem ocorrer. Nós tentamos apresentar exemplos de vários tipos de mudança, dando preferência aos exemplos fonológicos apenas porque eles necessitam de menos espaço, embora fenômenos sintáticos e outros também ilustrem muitos desses tipos de mudança, de forma que alguns deles são aqui incluídos.

3.1 Mudanças previsíveis ou esperadas

No que concerne a fonologia, Andersen (1982:95) propõe três hipóteses; elas representam generalizações com as quais poucos discordariam, dado o que

há muito tem sido relatado para situações de línguas em contato: (1) o falante bilíngue de uma língua ameaçada (morrendo, para os fins de nossa discussão) fará menos distinções fonológicas em seu uso da língua do que um falante totalmente competente (dominante ou monolíngue) da mesma língua faria. (2) No entanto, ele ou ela preservará distinções comuns a ambas as línguas, mesmo fazendo menos distinções encontradas apenas na língua ameaçada. (3) Distinções com alta carga funcional (em termos de fonologia e/ou morfologia) sobreviverão mais tempo no uso do falante de sua língua mais fraca do que distinções que tenham uma baixa carga funcional. Os casos com os quais lidamos tendem a apoiar essas generalizações, embora o primeiro seja mais óbvio (ver também Dorian 1977b:24).

Por exemplo, muitos falantes de Pipil perderam o alongamento contrastivo das vogais, mesclando vogais longas com homólogas curtas; o contraste não é encontrado no Espanhol, a língua dominante. O Chiltiupan Pipil, em seu estado moribundo, fundiu a africada *ts* com a fricativa *s* (Campbell 1985). Tuxtla Chico Mam, quase extinto, fundiu a pós-velar (uvular) *q* do Mam em uso com a velar *k* (Campbell no prelo), eliminando assim um contraste não encontrado no Espanhol dominante. Semifalantes do Finlandês Americano também costumam não produzir o contraste de vogais longas e breves; também frequentemente eles reduzem consoantes geminadas a não-geminadas; e produzem uma variedade de substituições para as vogais arredondadas anteriores que variam de *yu* ou *u* ([ü]) a *schwas* retroflexos para *löl* (Campbell 1980). Esses contrastes são ausentes no Inglês dominante.

3.2 Mudanças de previsibilidade incerta

Nós observamos outros tipos de mudanças estruturais que podem ou não ser típicas de línguas obsoletas; evidências de um número muito maior de línguas, distribuídas em mais partes do mundo, provavelmente serão necessárias para determinar quais dessas características podem ser das situações de morte de língua em geral. Os casos particulares que discutimos aqui são de interesse precisamente por causa da natureza da questão aberta de sua generalização; sugeriremos, onde acharmos que há alguma base para tal, os princípios que suspeitamos poderem estar envolvidos.

Supergeneralização de características não marcadas. Parece haver uma tendência das formas marcadas serem substituídas por formas menos marcadas (ver Campbell 1976c; Rankin 1978; Dressler 1981a). Essa observação é naturalmente relacionada à hipótese de Andersen (1) considerada acima, de que falantes bilíngues de uma língua ameaçada farão menos distinções fonológicas do que os falantes plenos. A referência à marcação, no entanto, sugere algum refinamento dessa hipótese, prevendo potencialmente que, quando distinções são perdidas, é o membro marcado da oposição que é perdido. Assim, no caso

do Tuxtla Chico Mam, na fusão de *q* com *k*, o *q* perdido é o membro marcado da oposição, como é o alongamento vocálico perdido em Pipil e em Finlandês Americano, sendo as vogais curtas menos marcadas.

No entanto, essas duas hipóteses não são necessariamente e completamente compatíveis; a tendência de reduzir marcação não está necessariamente incluída na tendência de Andersen de reduzir oposições não encontradas na língua dominante. A perda de marcação pode incluir algumas coisas não cobertas pela generalização de Andersen. Assim, o fenômeno da marcação, que não envolve contrastes, mas subfonemas, variantes alofônicas, pode também ser coberto pela última hipótese. Por exemplo, alguns dialetos obsoletos do Pipil (p.187) eliminaram completamente a marcação não contrastiva de variantes surdas de sonoras ([ɫ , w , y]) as quais ocorrem em final de palavra no Pipil em uso, fundindo-se com as suas respectivas contrapartes sonoras não marcadas ([w , y]), as quais não ocorrem em posição final no Pipil em uso (ver Campbell 1985). Além disso, a observação pode também se estender a fenômenos não fonológicos (veja adiante o caso Ocuilteco relativo ao fracasso em realizar o contraste duplo/plural, com fusão para o plural não marcado).

As duas hipóteses diferem, no entanto, não apenas em substância, mas em espírito.

Sendo assim, a generalização de Andersen parece sugerir que é alguma coisa relacionada à estrutura da língua dominante, que está por trás da perda de oposições na língua ameaçada. (isto é, uma motivação externa). A proposta de marcação, embora seja parcialmente simpática à visão de Andersen, sugere que é outro fator, a saber, é a natureza (marcada ou não marcada) do fenômeno linguístico na estrutura da língua obsoleta que leva à perda (isto é, fatores internos). Assim, no caso do Tuxtla Chico Mam, a abordagem de Andersen parece enfatizar: a ausência de *q* no Espanhol dominante como fator causador de sua perda por meio da fusão com *k*; a visão de marcação, por outro lado, sugere que a natureza marcada (falta de naturalidade, dificuldade de pronúncia) da vogal *q* pode contribuir para sua fusão com *k* não marcado.

Alguns podem preocupar-se com que o mesmo caso (por exemplo, fusão de *q* com *k*) possa ser pensado como ilustrativo das duas “hipóteses” separadas e talvez concorrentes. No entanto, isso não deve ser fator angustiante. Por um lado, como o fenômeno em discussão parece encaixar ambas as hipóteses, sugere que um trabalho muito maior é necessário nessa área, a fim de resolver quaisquer conflitos lógicos e determinar em que medida essas diferentes hipóteses podem ser válidas ou valiosas. No nosso presente estado de conhecimento, no entanto, ambas são valiosas como hipóteses de trabalho a serem testadas contra outros casos.

Outra maneira de sair do conflito aparente é apelar para a *multiple causation* (causação múltipla), uma noção que tem se tornado cada vez mais padrão em

outras áreas da linguística histórica. Para ilustrá-la, consideramos uma analogia. Suponha que uma lista de fatores causais potenciais de acidentes automobilísticos contenham elementos variadas como velocidade excessiva, más condições da estrada, motorista comprometido (por exemplo, visão embaçada, embriaguez etc.), mau funcionamento mecânico etc.; agora, suponha uma colisão de um carro com uma árvore, onde está escuro, a estrada está gelada, o motorista está bêbado, um pneu estourou e o motorista estava em excesso de velocidade. Isso nos permite presumir que qualquer simples fator pode ter sido suficiente para causar o acidente, mas também é possível, e até provável, que esses fatores combinados, trabalhando em conjunto, contribuam para a multiplicação da causa da destruição. O mesmo acontece com a mudança linguística. Assim, em nosso exemplo, a falta do contraste *q* vs. *k* no Espanhol dominante e a tendência a reduzir a marcação (*q* sendo o marcado), concebivelmente podem ter trabalhado em conjunto, levando associadamente à perda da distinção no Tuxtla Chico Mam. Dadas as *multiple causation*, temos o potencial para reconciliar a aparente dificuldade de um único caso exemplificando diferentes hipóteses. Como ficará claro, alguns outros exemplos discutidos neste capítulo também exemplificam mais que uma hipótese. Tomamos esses exemplos como indicações tanto da *multiple causation* quanto de hipóteses insustentáveis a serem retificadas à luz de relatos de outros casos de morte de língua.

Supergeneralização de características marcadas. Formas marcadas podem ser usadas excessivamente. Embora muitas vezes possa haver uma tendência a reduzir ou eliminar formas marcadas (como discutido acima), o contrário também parece ser comum. Ou seja, as formas marcadas ou “exóticas” do ponto de vista da língua dominante podem não ser completamente dominadas por aprendizes imperfeitos, que podem também não identificar o lugar do pertencimento dessas formas; esses falantes algumas vezes ficam tão animados sobre como isso se dá, que acabam empregando a versão “exótica” com grande frequência e de maneiras inapropriadas à versão saudável da mesma língua. Por exemplo, a língua Jumaytepeque Xinca tem uma complicada regra que glotaliza consoantes em ambientes morfológicos específicos; um falante de Jumaytepeque glotaliza quase todas as consoantes possíveis, tendo falhado em aprender a regra, mas usando excessivamente a impressionante característica da glotalização. Poucos falantes da Guazacapan Xinca também usam inapropriadamente uma quantidade excessiva de glotalização de consoantes. Teotepeque Pipil, em seu estado moribundo, tem superenfático *l* surdo, empregando-o em todo lugar, não apenas em final de palavra como era anteriormente (Campbell 1985).

Essas mudanças são internas à estrutura da língua obsolescente na medida em que parecem não ter nenhum análogo direto na língua dominante. Hill (1980:4), sem apelar para a marcação, refere-se a tais casos como “atos de criação”. A supergeneralização da surda *l* em Teotepeque Pipil ou a excessiva glotalização por alguns falantes de Xinca são “atos internos de criação” que

parecem resultar do aprendizado imperfeito da língua moribunda, não tendo nada a ver com o Espanhol.

Desenvolvimento da variabilidade. Regras obrigatórias podem vir a ser aplicadas opcionalmente, podem sofrer falha na sua aplicação (ou seja, podem ser perdidas) ou podem mostrar substituições. Por exemplo, os falantes de Finlandês americano às vezes falham ao aplicar as regras de gradação de consoante. Assim, em Finlandês Padrão *t* muda para *d* em sílabas fechadas, por exemplo *äidille* ‘mãe’, *äitille* ‘para mãe’: mas frequentemente *äitille* é a forma em Finlandês Americano (Campbell 1980). Em Ocuilteco, a regra nativa de sonorização de oclusivas depois de nasais às vezes falha em sua aplicação na fala de falantes imperfeitos (p.189), produzindo variações livres (por exemplo, *nd* alternando com *nt*; veja Muntzel 1982a). Em Cuisnahuat Pipil, a regra anteriormente obrigatória de ensurdecimento de consoantes sonoras finais (veja acima) tornou-se opcional, resultando em variação livre entre, por exemplo, [l] final e [l̥]. (Para afirmações semelhantes relativas à morfologia, veja abaixo).

Desenvolvimento de irregularidades por extremos de regularização. Há, algumas vezes, falha em aprender (ou seja, aprendizado imperfeito de) regras por supergeneralização e/ou subgeneralização. Por exemplo, o Pipil em pleno uso tinha uma regra em que as sonorantes finais (*l*, *w*, *y*) foram ensurdecidas em final de palavra (*l̥*, *w̥*, *y̥*); Teotepeque Pipil, entretanto, supergeneralizou o *l* surdo, ensurdecendo todos os *l*'s, não apenas os finais. Em contraste, subgeneralizou a porção das regras relacionadas a *w* e *y*, não as ensurdecendo em nenhuma posição, nem mesmo na posição final original. Com efeito, então, por meio da supergeneralização (por exemplo de [l̥]) e subgeneralização (de [w̥] e [y̥]), a regra de ensurdecimento das sonorantes finais foi perdida. Um falante de Jumaitepeque Xinca ilustra um caso similar. Ele falhou no aprendizado da regra de glotalização em vários ambientes fonológicos e morfológicos e, por meio da supergeneralização (glotalizando todas as consoantes possíveis), a regra foi perdida em sua língua. Esse fenômeno está conectado à superextensão de formas marcadas (“exóticas”) características e à tendência em reduzir a marcação, discutida acima. A melhor maneira de visualizar tais casos e testar a validade dessas propostas parcialmente sobrepostas dependerá dos resultados encontrados a partir de outras situações de morte de língua.

Outro exemplo é a falha em aplicar a gradação consonantal no Finlândes Americano, o qual parece refletir a falha em aprender a regra por subgeneralização. Pode-se notar que este caso poderia se encaixar na primeira generalização de Andersen, uma vez que o Inglês dominante não possui uma regra de gradação. Novamente, então, estamos confrontados com duas alternativas, ambas de hipóteses ainda a serem testadas adequadamente ou *multiple causation*, como discutido acima. A proposta de Andersen, no entanto, não é compatível com a superextensão, por exemplo, do *l* ensurdecido em Teotepeque Pipil, uma vez

que o Espanhol local não tem / ensurdecido ([]), em posição final ou em outro lugar.

“*Atos de recepção*”. Algumas mudanças em línguas obsoletas podem ser “externamente” motivadas; isso é, algumas mudanças estruturais em línguas obsoletas podem ser resultado da influência de aspectos linguísticos da língua dominante, por exemplo “atos de recepção” (Hill 1980:4). Um exemplo provável é a mudança do Teotecoque Pipil de *š* para *r̃* sob a influência externa de acordo com avaliações sociolinguísticas desses sons em Espanhol. A mudança é aparentemente motivada pelo fato de que em Espanhol local, que é a língua dominante, /r̃/ tem uma variante fortemente estigmatizada (Campbell 1976c). A avaliação sociolinguística negativa dessa variante em Espanhol tem aparentemente causado a troca do som nativo do Pipil pela variante de prestígio do Espanhol, produzindo uma mudança de som não natural, externamente induzida, devido às normas do Espanhol. Muitas mudanças gramaticais do Finlândes Americano podem somente ser atribuídas a influências externas do Inglês. Seguem alguns exemplos.

A chamada “passiva” no Finlândes é uma forma verbal impessoal a qual não permite agente abertamente especificado (como as *by phrases* no Inglês), mas o Finlândes Americano da não-primeira geração de falantes agora permite os sintagmas agentivos, especialmente quando o agente é um serviço organizacional como igreja, funerária, etc., empregando os casos –stA ‘de (dentro)’ ou –ltA ‘de (sem)’ ou a posposição *Kautta* ‘pelo’. Alguns exemplos são:

- (1) ãne-t hauda-ttiin kirko-sta
 he-ACC bury-past.pass church-from
 ‘he was buried by the church’
 ‘ele foi enterrado pela igreja’
- (2) hautajaiset pide-ttiin 30 pãivã heinãkuu-ta Kirko-lta
 funeral holdpast.pass 30 day July-prt church-from
 ‘the funeral was held the 30th day of July by the church’
 ‘o funeral foi realizado no dia 30 de julho pela igreja’
- (3) polttohautaus Lake Side Kappeli-n Kautta toimite-ttiin
 cremation Lake Side church-GEN through perform-past-pass
 ‘the cremation was performed by/through the Lake Side Chapel’
 ‘a cremação foi realizada pela/através da capela do lado do lago’
 (veja Eskola 1977:117-20)

Em outro exemplo, o Finlândes Padrão (FP) normalmente não permite infinitivas como complementos de substantivos ou adjetivos terem sujeitos; no entanto, o Finlândes Americano (FA) tem mudado tornando-se equivalente ao

inglês:

- (4) tamã oli ensimmainen kerta mei-lle men-na tã-llã
this was first time us-to-/for go-1.INF this- laiva-lla
on/by Milwaukee-seen
Milwaukee-into
'this was the first time for us to go on this ship to Milwaukee'
'esta foi a primeira vez que embarcamos neste navio para Milwaukee'

Uma forma equivalente em Finlandês Padrão seria, por exemplo:

- (4') tãmã oli ensimmainen kerta, kun oli-mme matkusta-neet
this was first time, when had-we travel-PAST.PART
Ta-lia laiva-lla Milwaukee-seen
this-on ship-on Milwaukee-into
(Veja Eskola 1977)

Essas mudanças parecem ser devidas ao impacto do Inglês na estrutura do Finlandês Americano dos falantes imperfeitos. Elas envolvem não a perda de material da língua ameaçada, como nos exemplos fonológicos de Andersen, mas adições à gramática do Finlandês Americano devido ao impacto do Inglês. (Para detalhes e vários outros exemplos, veja Campbell 1980).

4. Mudanças fora da fonologia

4.1 Redução morfológica

Morte de língua pode ser acompanhada por algum grau de redução morfológica (na qual incluímos a redução de alomorfa e o nivelamento de paradigmas). Embora tenhamos vários exemplos em nossos dados, uma vez que esse tipo de redução está razoavelmente bem estabelecida (ver Dorian 1977b; Andersen 1982:97), apresentamos aqui apenas dois exemplos. No Ocuilteco, falantes imperfeitos geralmente deixam de fora os marcadores dual e plural, conforme indicado nos exemplos seguintes pelo material entre parênteses:

- (5) kit-kwe-p-tyïï (-nkwe(-bí))
fut-1pl-exclus-sing (-dual(-exclus))
'we (two, but not you) will sing'
'nós (dois, mas você não) vamos cantar'
- (6) kit-kwe-p- tyïï (-hñə(-bi))
fut-1pl-exclus-sing (-pl(-exclus))
'we (all, but not you) will sing'

Nosso segundo exemplo é do Finlandês Americano (FA). Enquanto o Finlandês Padrão exige adjetivos para concordar em caso (e número) com os nomes que eles modificam, o FA mostra uma tendência de perda de caso

terminando em adjetivos, por exemplo:

- (7) sai-n kirja-n vanha miehe-lta
got-I book-ACC old man-FROM
'I got the book from the old man'
'eu recebi o livro do homem idoso'

Compare: SF:

sai-n kirja-n vanha-lta miehe-ltä
old-FROM man-FROM

- (8) vanha miehe-n hevonen on
valkoinen old man-GEN horse is white
'the old man's horse is white'
'a casa do homem idoso é branca'

Compare SF:

vanha-n miehe-n hevonen on valkoinen
old-GEN man-GEN
(See Larmouth 1974; Eskola 1977)

Estes exemplos parecem estar em conformidade com as hipóteses de Andersen relacionadas à redução morfológica, em particular a:

Um [semifalante] exibirá um número menor de categorias ... marcadas morfológicamente do que um [falante totalmente competente] dessa língua. Além disso, ... o [semifalante] tenderá a exibir variabilidade, o [falante totalmente competente] a marcação categórica daquela categoria. (Andersen 1982:97). (Veja também Dorian 1973; 1977a; 1983; Dressler 1981; Elmendorf 1981)

4.2 Redução sintática

As línguas obsoletas também exibem modificação dos recursos sintáticos, um ponto bem estabelecido na literatura sobre a morte de línguas (ver Hill 1973, 1978; Andersen 1982). Consideramos apenas alguns casos de muitos existentes em nosso material.

No Pipil atual, os sufixos de “futuro” de textos antigos não são utilizados e quase sempre desconhecidos, substituídos por construções perifrásticas, por exemplo:

- (9) ni-yu ni-k-chiwa
1-go 1-it-do
'eu estou indo fazer isso'

Os sufixos de futuro do Pipil em uso, *-s* ‘singular’ e *-s-ke-t* ‘plural’, por exemplo *ni-panu-s* ‘eu irei passar’, *ti-panu-ske-t* ‘nós iremos passar’, agora não mais ocorrem, mesmo em textos tradicionais, embora possam continuar sendo elicitados com dificuldade junto a alguns falantes (Campbell 1985).

Outro exemplo do Pipil é a passiva que já foi produtiva (sinalizada por *-lu*, *-lw* e *-ua*); esses são agora encontrados apenas cristalizados em formas verbais. O equivalente atual é uma construção impessoal formada por verbos na ‘3. p. pl.’ (por exemplo, com o sufixo *-t* ‘3. p. pl.’), por exemplo:

- (10) *yaha ki-tahtan se: konse:hoh wan ki-maka-ke-t*
he it-asked an advice and it-give-PRET-PL
‘he asked for advice and then they gave it (to him)’ = ‘he asked for advice and was given it’
‘ele pediu conselhos e depois lhe deram (para ele)’ = ‘ele pediu conselhos e recebeu’
- (11) *k-ilwith-ke-t ma: ki-ma:walti chi:l*
him-tell-PRET-PL that her-smear chili
‘They told him to anoint her (with) chili’ = ‘He was told to smear chili on her’
‘Eles disseram a ele para ungi-la com seu chili’ = ‘Ele disse para espalhar chili nela’
- (12) *nech-ilwih-ke-t ka nu-siwa:-w bru:hah*
me-tell-PRET-PL that my-wife-Poss witch
‘They told me that my wife [was a] witch’ = ‘I was told my wife is a witch’
‘Eles me disseram que minha esposa era uma bruxa’ = ‘Foi-me dito que minha esposa é uma bruxa’

Pipil perdeu suas passivas morfológicas originais, mas as formas verbais impessoais da terceira pessoa do plural passaram a funcionar no contexto como passivas sem agente. As frases (10) - (12), de um texto sobre um ser sobrenatural, têm um agente específico do discurso: é o padre quem dá o conselho, diz para ele espalhar *chili* (pimenta) em sua esposa e diz que ela é uma bruxa, mas o padre como agente é retirado do contexto e o impessoal é usado para colocar outros traços em foco. Esse uso de formas plurais da terceira pessoa para enunciados impessoais substituiu as antigas construções passivas.

Esses dois casos podem muito bem exemplificar as hipóteses de Andersen:

Um [semifalante] usará um número menor de dispositivos sintáticos... do que um [falante totalmente competente] da mesma língua. O [semifalante] preservará e fará uso excessivo de construções sintáticas que afetam de maneira mais transparente as relações semânticas e sintáticas subjacentes. Onde há mais do que uma estrutura de superfície

possível para uma dada relação subjacente..., o [semifalante] tenderá a comprimir diferentes estruturas de superfície em uma. (Isso será evidenciado por uma variedade menor de estruturas de superfície para o [semifalante] em comparação ao [falante totalmente competente].) (Andersen 1982:99).

Se ambas as construções morfológicas e perifrásticas de “futuro” e “passiva” estivessem uma vez disponíveis, então o Pipil em seu estágio moribundo mostraria um “número menor de dispositivos sintáticos”, tendo eliminado as construções morfológicas dando lugar para as construções analíticas e perifrásticas. Essas construções perifrásticas foram “superutilizadas” – “elas refletem mais transparentemente as relações semânticas e sintáticas subjacentes?” As diferentes “estruturas de superfície” “colapsaram em uma”, construções perifrásticas vencendo às custas das morfológicas.

Nem todos os exemplos, no entanto, estão de acordo ou ilustram as hipóteses de Andersen sobre redução sintática, como é visto em alguns exemplos do FA. O chamado “segundo infinitivo” do Finlandês Padrão é uma forma gerundiva que não permite sujeito especificado abertamente. No modelo inglês de gerúndios apositivos em *-ing*, o FA agora permite esses sujeitos, mesmo quando eles não são correferenciais com o sujeito da oração principal:

- (13) vainaja syntyi Duluthi-ssa, vanhemmat oll-em
 deceased was bom Duluth-IN, parents be-ING
 Mr. ja Mrs Matt Salo
 ‘the deceased was bom in Duluth, bis parents being Mr and Mrs Matt Salo’
 ‘o falecido nasceu em Duluth, sendo seus pais o Sr. e a Sra. Matt Saio’

- (14) Entinen Hilda Paavola ja Frank Andersen vihi-ttiin,
 former Hilda Paavola and Frank Andersen marry-past.pass
 pastori Mänttâ vihki-en heidät
 pastor Mänttâ marry-ING them
 ‘the former Hilda Paavola and Frank Andersen were married, pastor Mänttâ marrying them’ (see Eskola 1977)

O Finlandês Padrão pode empregar, por exemplo:

- (15) vihki-en heidät, pastori puhui hitaasti
 marry-ING them, the pastor spoke softly

Nesse caso *vihkien* não pode ter sujeito aberto na mesma oração; a extensão do FA para permitir tais sujeitos, como ocorre com *pastori Miintta* em (14) é devida à influência do Inglês, um “ato de recepção sintática” (ver Hill 1980:4), diferentemente das “reduções” de Andersen.

O exemplo final envolve a ordem de palavras do Finlandês Americano

mu-wan ‘com você’, *i-wan* ‘com ele/ela’. *Wan* (juntamente com alguns outros poucos nomes relacionais), antes nome-relacional, perdeu o requisito de ocorrer apenas com prefixos possessivos, tornando-se uma preposição assim como no Espanhol, por exemplo:

- (18) nin nomo i nu-chan ti-se:n-nemit wan-se nu-amigu
 here I-am my-house we-together-are-PL with a my- friend
 ‘here I am at my house, sitting together with my friend’ (Formerly , . . .
i-wan se: nu-amiguh [his-with a my-friend])
 ‘aqui estou eu em minha casa, sentado junto com meu amigo’ (anterior-
 mente, ... *i-wan se: nu-amiguh* [dele-com um-amigo])

Similarmente, *pai* ‘a fim de, de modo a’ era um “nome relacional”, (*nu-pai* ‘para mim, meu’), mas agora funciona como uma conjunção subordinada, a qual formalmente nunca existiu, semelhante ao Espanhol *para* ‘a fim de’, por exemplo:

- (19) ni-mu-kets-ki ni-k-tatia ti-*tpai* ni-mu-tutu:nia l-
 REFLEX-arise-PRET l-it-burn fire-ABSOL so. that l-REFLEX-heat
 ‘I got up to light (the) tire in arder to warm myself’

Pode-se suspeitar que essas mudanças estruturais influenciadas pelo Espanhol, distanciando-se dos nomes relacionais, refletem o tipo de mudança que ocorreria apenas no estado obsolecente do Pipil. No entanto, mudanças completamente paralelas ocorreram em outros dialetos Nahuá, línguas irmãs de Pipil completamente vivas (ver Suárez 1977), mostrando a dificuldade de distinguir as mudanças induzidas por contato normal das mudanças devidas à situação da morte de línguas.

Para outras propostas relativas às características estruturais gerais das línguas obsoletas não discutidas aqui, ver, entre outras, Dorian (1980b, 1982b, 1983); Hill (1980); Dressler (1981); e Andersen (1982).

Notas

A pesquisa sobre a qual este artigo se baseou foi apoiada em parte por uma bolsa da *National Science Foundation*, nº BNS-8419143. Gostaríamos de agradecer a Nancy Dorian pelos comentários úteis sobre as versões anteriores deste artigo.

As abreviações empregadas nos exemplos citados são comuns; mas observe que aqui usamos PRT para ‘partitivo’ e PART para ‘participio’.

1. Na maioria dos casos aqui apresentados, palavras “lembradas” de uma língua outrora extinta parecem não ter função maior do que entretenimento ou diversão leve, e implica muito pouco para a identidade de alguém. Esse parece ser o caso dos lembradores de Cacaopera, Chicomuceltec, Salvadoran Lenca

e Yupiltepeque Xinca. A atitude mais típica nessa área é bastante negativa em relação às línguas indígenas; a maioria tem vergonha de falar a língua indígena, enquanto o Espanhol é apreciado. Esse estado de coisas contribuiu, sem dúvida, para a obsolescência dessas línguas. O caso é um pouco diferente em Pipil; isto é, sofre, na maioria das vezes, o mesmo estigma negativo que outras línguas, atitude mantida particularmente por seus falantes mais frequentes. Ao mesmo tempo, no entanto, houve uma inversão na década de 1970 entre os salvadorenhos não-indígenas, muitos dos quais vieram lamentar sua herança cultural perdida e começaram a valorizar a língua e cultura Pipil passadas como símbolo do orgulho nacional, semelhante ao orgulho do México de seus antecedentes astecas. Nesta situação, lembradores e falantes de línguas terminais receberam considerável prestígio. Os lembradores de Panchimalco e Comapa eram reverenciados em suas aldeias como indígenas “reais” que falavam a língua que agora desaparecia. A única idosa sobrevivente lembrada em cada uma das duas cidades era estimada como um símbolo do passado indígena; em ambos os casos, as mulheres tentaram falsificar ou criar palavras que não conheciam do nosso questionário usado na entrevista, presumivelmente para manter o *status* local, que cada uma parecia gostar, e talvez para salvar a face. Também encontramos dois falsos lembradores que se apresentavam como falantes de Pipil, um em outra cidade e um em uma vila do sudeste de Tzeltal. Esses dois homens pareciam não ter nenhum *status* específico em suas comunidades, mas aparentemente estavam interessados nos pagamentos que poderíamos fazer pelos serviços de informantes. As formas falsificadas ou criadas não violavam a fonética espanhola, exceto as do homem no território SE Tzeltal, que salgava suas formas com algumas consoantes glotalizadas, aparentemente aprendidas por ter crescido em torno de falantes indígenas, sem nunca ter aprendido mais do que um punhado de palavras reais.